

I

Era uma vizinha. Era uma conhecida de Dora e falavam-se se calhava encontrarem-se na rua. Só que desta vez houvera algo mais do que a simples salvação.

— Eu prometi que te diria — disse Dora. — Prometi que falaria no assunto. Ela tinha aquela expressão estranha que às vezes aparenta e, para ser franca, senti-me terrivelmente embaraçada.

— Que disse ela? — perguntou Wexford.

— «Não sei do Rod» ou «o Rod desapareceu», qualquer coisa desse género. E depois pediu-me que te dissesse. Por seres quem és, claro.

Os detectives inspectores chefes têm mais que fazer do que perder o seu tempo a escutar as queixas de mulheres cujos maridos fugiram com outras. Wexford ainda não estava na casa havia cinco minutos e já chegara à conclusão de que fora isso o que acontecera. Mas ela era uma vizinha. Morava na rua seguinte à dele. Na realidade, pensou, devia sentir-se satisfeito por a coisa não ter o aspecto de um caso que tivesse de investigar.

A sua casa e aquela tinham sido construídas ao mesmo tempo, em meados da década de 1930, quando Kingsmarkham estava a crescer, a deixar de ser uma aldeia. E estruturalmente eram muito parecidas: três quartos, duas salas, cozinha, casa de banho e retrete no rés-do-chão. Mas a dele era um lar, e aquela era... o quê? Um abrigo da chuva, um lugar onde as pessoas podiam comer, dormir e ver televisão. Joy Williams levou-o para a sala da frente, a que chamava a sala de estar. Não havia livros nenhuns. A tapete era um quadrado rodeado por mosaicos de vinilo amarelo-mostarda, e a mobília constava de um terno de sofá e dois *maples* forrados de cabedal sintético granuloso, cor de mostarda. A lareira de 1935, que na sua casa fora substituída por uma de pedra de York, acomodava um irradiador eléctrico de modelo complicado, parte

Regência, parte medieval, e tendo à frente um guarda-fogo que produzia o efeito de ponte levadiça. Por cima da lareira pendia um espelho emoldurado por segmentos de vidro fosco verde e amarelo, um belo exemplar de *Art Deco*, para quem gostava desse género de coisas. O único quadro era uma composição de papel prateado colorido, representando dois gatos a brincar com um novelo de lã.

— Ela é uma pessoa insípida — dissera Dora. — Não mostra interesse por nada e parece sempre deprimida. Não creio que viver vinte anos com Rodney Williams a tenha ajudado muito.

Joy¹. Dora dissera, como quem se desculpa, que o nome tinha sido mal escolhido. Ela era uma mulher que não tinha apenas os cabelos grisalhos: tornara-se toda ela cinzenta. As suas feições tinham sido correctas, noutro tempo, talvez até ainda o fossem, mas a sua pele feia, enrugada, bexigosa, cinzento-rosada, áspera e envelhecida, mascarava-as. Devia ter uns quarenta e cinco anos, mas parecia dez anos mais velha. Até ele chegar, estivera a ver televisão e o aparelho ainda estava ligado, embora sem som. Era o maior televisor que Wexford já vira, pelo menos num cenário doméstico. Calculou que ela passava uma boa parte do seu tempo diante dele e talvez se sentisse angustiada quando o ecrã estava apagado.

Não havia na sala nenhum assento que não estivesse voltado para o aparelho. Wexford sentou-se na ponta do sofá, de esguelha, voltando as costas. Os olhos de Joy Williams acompanhavam a sucessão rápida de figuras de patinadores que participavam num campeonato qualquer. Estava sentada na beirinha da sua cadeira.

— A sua mulher disse-lhe o que eu...?

— Sim, disse qualquer coisa... — Fez uma pausa, para lhe poupar o embaraço que via já salpicar-lhe de vermelho-carregado o nariz e as faces. — Qualquer coisa acerca de o seu marido ter desaparecido.

Joy Williams riu-se. Foi um riso que ele iria ouvir frequentemente e acabar por conhecer, uma casquinada áspera. Não continha nem humor, nem alegria, nem espírito. Ela ria-se para ocultar a emoção ou porque não conhecia nenhuma outra maneira de a manifestar. As mãos pousadas no colo abriam-se e fechavam-se. Usava uma aliança de casamento muito entalhada, de platina ou ouro branco, e um anel de noivado ainda mais adornado, também de platina ou ouro branco, tendo entre os vales e as pirâmides dos entalhes um minúsculo diamante.

— Foi numa viagem a Ipswich e não voltei a vê-lo.

— Creio que a Dora me disse que o seu marido é caixeiro-viajante?

— Sim, da Sevensmith Harding — confirmou ela. — Os das tintas.

Não precisava de ter acrescentado aquilo. A Sevensmith Harding devia ser a maior fornecedora de abastecedores de construtores civis e retalhistas de decoração doméstica do Sul da Inglaterra. A emulsão *Sevenstar*, baça e prateada, revestia um milhão de paredes, pensou o inspector, entre Dover e Finisterra. Ele e Dora tinham acabado de a utilizar no seu segundo quarto, e, se não se enganava, a pintura do próprio vestíbulo da casa de Mrs. Williams era do tom mais moderno de *Sevenshine* brilhante e não-gotejante. «Trigo integral.»

— Faz, para eles, a área de Suffolk. — Começou a puxar os anéis para cima e para baixo. — Partiu na última quinta-feira... bem, fez ontem uma semana. Hoje são 23, deve ter sido no dia 15. Disse que passaria a noite em Ipswich e começaria a volta logo de manhãzinha.

— A que horas partiu?

— Ao anoitecer, cerca das seis horas. Tinha passado toda a tarde em casa.

Foi nesta altura que Wexford teve a sua ideia acerca de outra mulher. Seriam umas boas três horas e meia ao volante de Kingsmarkham para Ipswich, mesmo pelo Túnel de Dartford. Um vendedor que tivesse um motivo legítimo para partir de automóvel para Suffolk, e que pudesse ter iniciado a viagem às quatro horas, em vez de às seis, certamente o teria feito.

— Onde ficava ele, em Ipswich? Num hotel, presumivelmente?

— Num motel. À saída de Ipswich, creio.

Falava indiferentemente, como se soubesse pouco a respeito do trabalho do marido e ainda se interessasse menos. A porta abriu-se e entrou uma rapariga. Parou à entrada e disse:

— Oh, desculpem!

— Sara, a que horas partiu o paizinho, quando se foi embora?

— Por volta das seis.

Mrs. Williams acenou afirmativamente com a cabeça e apresentou:

— A minha filha, Sara.

Pronunciou o nome abrindo muito a primeira sílaba.

— Creio que também tem um filho?

— Kevin. Tem vinte anos. Está ausente, na universidade.

A rapariga estava parada com os braços apoiados nas costas da poltrona de plástico amarelo desocupada, de olhos fixos na mãe de um modo mais ou menos neutro, embora tendesse mais para o hostil do que para o amigável. Era muito esguia, loura, com um rosto de modelo de pintor da Renascença, feições miúdas, fronte alta e um olhar reservado. Usava o cabelo extraordinariamente comprido, quase a chegar-lhe à cintura, e

com o aspecto ondulado que o cabelo adquire quando é habitualmente entrançado. Vestia *jeans* e uma *t-shirt* com o desenho de um corvo e as letras *ARRIA* estampadas por cima dele.

Tirou uma fotografia de moldura cromada da única mesa da sala, uma peça de bambu com tampo de vidro quase oculta pelas costas do sofá. Estendeu-a a Wexford e apontou o polegar para a cabeça de um homem sentado na praia com um rapaz adolescente e uma rapariga que era ela própria cinco anos antes. O homem era corpulento, alto, mas em má forma e com um pneu de gordura à volta da cintura. Tinha uma enorme testa abaulada. As feições, porventura em virtude de serem dominadas por aquela abóbada nua, pareciam insignificantes e muito juntas umas das outras, a boca era uma fenda sem lábios, esticada num sorriso para a câmara.

Wexford devolveu-lhe a fotografia. Ela recolocou-a na mesa, demorou os olhos um momento na mãe, com uma expressão curiosa e levemente depreciativa, e saiu da sala. Ele ouviu-lhe os passos, a subir a escada.

— Quando esperava que o seu marido regressasse?

— Ele disse que voltaria no domingo à noite. Não atribuí grande importância, quando não veio. Pensei que ficara mais uma noite e regressaria na segunda-feira, mas não voltou nem telefonou.

— E a senhora não telefonou para o motel?

Olhou-o como se ele lhe tivesse proposto uma tarefa gargantuesca e complexa, totalmente fora da sua capacidade, como escrever uma tese de cinquenta mil palavras, por exemplo, ou elaborar um programa para um computador.

— Eu não faria uma coisa dessas. Quero dizer, é uma chamada interurbana. De qualquer modo, não sei o número.

— Fez alguma coisa?

Soltou a casquinada seca, sem alegria.

— Que podia eu fazer? O Kevin tinha vindo passar o fim-de-semana a casa, mas voltou para Keele no domingo. — Falava como se agir, em semelhantes circunstâncias, fosse coisa que só pudesse ser feita por um membro do sexo masculino. — Eu sabia que teria sido informada se ele tivesse tido um acidente. Traz consigo o bilhete de identidade, o cartão bancário, o livro de cheques e uma quantidade de outros papéis com o seu nome.

— Não telefonou, por exemplo, à Sevensmith Harding?

— Para que teria servido isso? Ele passava semanas a fio sem lá ir.

— E não teve quaisquer notícias dele, desde então? Durante... vejamos... oito dias, não teve nenhuma indicação do lugar onde ele poderia estar?

— Exactamente. Bem, cinco dias. Eu já sabia que ele estaria ausente nos primeiros três dias.

Teria de lhe perguntar. No fim de contas, fora ela quem o mandara chamar. Como um vizinho a quem confidenciar, certamente, mas sobretudo como polícia. Nada do que ouvira até àquele momento lhe dava a impressão de que estivesse indicada uma investigação, ainda que preliminar, do paradeiro de Rodney Williams. Olhando para Mrs. Williams, para a casa, para o ambiente, só conseguia admirar-se, com uma insensibilidade que nem a Dora exprimiria francamente, que o homem ali tivesse ficado tanto tempo. Fugira com outra mulher, ou fugira para outra mulher, e só a cobardia o impedia de escrever a carta que as circunstâncias exigiam ou de fazer o telefonema indispensável.

— Desculpe, mas acha possível que o seu marido tivesse... — procurou uma expressão adequada e saiu-lhe um eufemismo que desprezava — ...relações amigáveis com outra mulher? Andaria a ver outra mulher?

Ela lançou-lhe um olhar demorado, frio e nada escandalizado. Fosse o que fosse que viesse a responder, Wexford percebeu que a sua sugestão já lhe passara pelo espírito, ou até mesmo mais do que isso. Havia naquele olhar um não-sei-quê que lhe dizia pertencer ela àquele tipo de mulher que faz questão de evitar, para quem é quase um princípio, evitar admitir uma coisa desagradável. Afasta o assunto, ignora-o, perde o hábito de pensar, não conjectures, não penses, não especules, pois isso tornar-te-á infeliz. Não penses, não conjectures, liga o televisor e, numa apatia embrutecedora, fita o ecrã até serem horas de ires para a cama e tomares os comprimidozinhos de *Mogadon* que se tornaram uma receita permanente do senhor doutor, que basta ires buscar.

Claro que podia estar a ser injusto com ela. Tudo aquilo era apenas imaginação sua.

— Trata-se somente de uma possibilidade — explicou. — Desculpe ter tido de a sugerir.

— Não posso saber o que ele faz quando está ausente dias e noites a fio, pois não? Durante toda a nossa vida de casados ele tem passado tanto tempo lá por fora, a vender, quanto em casa. Não sei que galdérias tem tido, e não pergunto.

A palavra antiquada condizia com a sala e com a respeitabilidade cinzenta, casposa, vestida de *crimplene*, de Mrs. Williams. Ele reparou pela primeira vez no vasto polvilhamento de caspa, como uma chuva de farinha, dos ombros da sua blusa. Apresentara-lhe uma sugestão que, para a maioria das mulheres, seria a menos aceitável, mas pareceu aliviada. Suspeitaria de que o marido andasse envolvido em qualquer coisa